

Dor e felicidade: Um estudo da relação entre dor e felicidade em André Comte-Sponville

João Jânio Lira⁹³

Resumo:

O presente projeto tenciona como finalidade compreender a relação entre dor e felicidade na concepção do filósofo francês André Comte-Sponville. Em sentido crítico e questionador, o filósofo disserta na obra denominada Uma Educação Filosófica, a ideia de uma felicidade malograda e, posteriormente, uma felicidade em ato, colocando em discussão toda afirmação sobre o que seja a felicidade. Dentro da definição baseada em vários pilares dada pelo pensador, destacou-se nos trechos da obra indicada, alguns tópicos que ajudam nessa compreensão, dentre elas: a dor; o desespero, o esquecimento e a felicidade em ato. Nesse projeto propõem-se apresentar de forma fundamentada a visão do autor acerca da sua compreensão da relação entre dor e felicidade.

Palavras Chave: Dor; felicidade; André Comte-Sponville.

Abstract:

Ce projet vise à comprendre la relation entre la douleur et le bonheur dans la conception du philosophe français André Comte-Sponville. Dans un sens critique et discutible, les mémoires de philosophe dans le travail a appelé une éducation philosophique, l'idée d'un bonheur malheureux et par la suite un bonheur en acte, mettant en discussion chaque affirmation sur ce que le bonheur est. Dans la définition basée sur les différents piliers donnés par le penseur, il a été souligné dans les extraits de l'œuvre indiquée, quelques sujets qui aident dans cette compréhension, parmi eux: la douleur; Le désespoir, l'oubli et le bonheur en acte. Dans ce projet, nous proposons d'aborder de manière ancrée la vision de l'auteur sur la compréhension de la relation entre la douleur et le bonheur.

1.1 Introdução

A felicidade é a coisa mais bem distribuída, e talvez seja a única busca no final das contas. Todo homem quer ser feliz e toma como objeto final de sua existência a felicidade. Historicamente, a felicidade tem sido discutida pelos maiores pensadores desde muito tempo, é o que cada um de nós desejamos como bem maior, dizia Aristóteles. É a mais virtuosa forma de se viver se baseada nossa existência em virtude da felicidade, dizia Epicuro. E assim até hoje fala-se em ser feliz e em felicidade. Mas será possível chegar a uma consideração final a respeito do que seja felicidade?

O sofrimento, por sua vez, é tido como o maior dos males, é evitado a qualquer custo. Toda e qualquer pessoa que sofre, que sente dor é logo posta como um ser

⁹³ Graduação em Filosofia pela Faculdade Paulus.

enfermo. O melancólico, o desolado, o nostálgico nunca toma tais sintomas como uma característica intrínseca à sua própria condição humana. Então, a partir disso, surge uma questão a ser desvelada: O Ser⁹⁴ do humano somente se apresenta nos sentimentos agradáveis?

Um dos temas principais do debate filosófico, a felicidade, ficou calcada ao entendimento atualmente como autoajuda. No entanto, surge pensadores que não se limitam a essa concepção, e vão além.

André Comte-Sponville, filósofo francês, adepto de uma filosofia materialista propõe uma nova visão a respeito, tanto da dor quanto da felicidade: para ele, parafraseando Espinosa, a dor e a felicidade são dois lados de uma mesma moeda, em sentido de que em vista de uma, a outra se faça valer.

Com isso, podemos até discordar com o sentido de felicidade em âmbito reduzido a autoajuda, podemos discordar com a unilateralidade proposta pelo pensador francês e aceitar a ambiguidade entre a dor e a felicidade. Mas que, em sentido de se viver a demasiada profundidade do humano, a dor se vale tanto quanto a felicidade.

Nesse sentido, vale situar a proposta sponvilleana como uma ideia autêntica do materialismo francês contemporâneo.

Nessa perspectiva, o presente trabalho buscou trazer à tona essa relação, a proposta de dor corpórea e psíquica como princípio à felicidade baseado no pensamento sponvilleano. Fundamentado principalmente no artigo: Quem fala da felicidade, encontrada na obra: Uma Educação Filosófica (2001).

2.1 - Conceito de dor para Sponville

2.2 - Entendendo o conceito de dor em Sponville

⁹⁴⁹⁴ O “Ser” citado aqui se refere ao uno que faz um algo ser algo e não ser outra coisa. O ser imutável - o ser que não pode ter surgido nem não-ser ou tornar-se não-ser, já que o ser só pode ser idêntico a si mesmo. O intrínseco ao humano.

Para que se entenda o conceito de felicidade em André Comte-Sponville (1952), é preciso que se entenda, antes, o sentido de dor para o filósofo. E para isso valer-se-á introduzir alguns preceitos antes de explanar o sentido de felicidade para o pensador.

Aqui, abordar-se-á o sentido de dor tomando como princípio uma concepção deixada pelo francês, em sentido de que, a dor nada mais é que algo imprescindível à felicidade. Nesse sentido, vale situar que o filósofo inicia seu texto ironizando a concepção usual sobre a dor, “não justificar nem interpretar”, - diz ele -, “a dor é um fato e não quer dizer nada, não é um sujeito plausível de discurso” (SPONVILLE, 2001, p. 383), deste modo, ver-se uma crítica feita pelo pensador acerca do entendimento usual da dor.

Comte-Sponville objeta uma felicidade não voltada a um bem comum a todos, ou, além do presente, como propunha Aristóteles, mas uma felicidade em ato. Isto é, uma felicidade compreensível da necessidade de se viver a dor, caracterizando-a como meio necessário e imprescindível para a felicidade, e por isso, talvez, ele inicie seu escrito ironizando a “demonização” da dor pelo sentido comum. Ademais, o conceito de felicidade para o autor implica viver o presente, ou seja, a felicidade em ato, e com isso, viver também a dor.

Como falar da dor sem que se pense em como combatê-la? Manuais para uma felicidade livre de sofrimentos saem rápido das bancas, e são, por isso, exemplos de como a sociedade pós-moderna busca (e precisa) desta felicidade “fácil”, para que se satisfaçam com a sua própria condição de vida. O que, talvez, não seja levada em consideração, é a proximidade entre essas duas coisas. Não oposição, mas composição. Dor e felicidade: *douleur et bonheur*⁹⁵.

Não obstante, Sponville ver nessa disparidade inicial, uma proximidade quase inseparável entre felicidade e vivência da dor, pois: “[...] o bem encontra no sofrimento não o seu ser é óbvio [...], mas o seu chamado” (P. 385). Ou seja, o filósofo francês ver

⁹⁵ Do francês: Dor e felicidade.

a dor também como uma parte da felicidade, o que, na concepção dele caracteriza-se como um fator que proporciona o viver a felicidade plenamente em sua forma.

Segundo Comte-Sponville, a dor é como uma ponte, um elo do homem com a felicidade. Usando Espinosa, seria a dor e a felicidade como dois lados de uma mesma moeda. Assim, redefinindo o sentido de dor, o filósofo francês cria o propósito de não tornar ambíguo tais conceitos, mas torná-los unilaterais. Isto faz com que a presença da dor e da felicidade tornem-se recíprocas na vida de todos os homens.

É preciso viver a dor para que a felicidade seja: Eis o sentido da vivência da dor para o filósofo.

Em Uma Educação Filosófica (2001), esta ideia de dor e felicidade caminharem juntas é esplanada criteriosamente. Assim afirma o autor sobre a dor (P. 385): “trata-se de impedir, se possível e de suportar, se necessário. Ação e coragem. Isso basta e deve bastar”. Isto é, suportar a dor e presenciar a felicidade em sua plenitude.

Também, e principalmente o sofrimento psíquico, não apenas o corpóreo, no pensamento sponvilleano nada mais é que, por não ser escolhido nem desejado, é “difícil de ser pensado”, no entanto, quem sofre e sente dor busca, por falta, a felicidade. Pois, como afirma ele: (P. 385) “na ausência de dor, não necessitamos mais do prazer”.

Explica-se no trecho a seguir essa ideia (SPONVILLE, 2001, P. 385).

Não que o único bem seja não sofrer (porque a morte seria então, sempre, a melhor solução: o que o corpo, de novo, rejeita), mas porque o bem (o prazer) encontra no sofrimento, não o seu ser, é óbvio (o prazer é diferente da ausência de dor), mas o seu chamado. “Quando não sofremos”, dizia Epicuro, “não necessitamos mais do prazer”. Não que o prazer deixe de valer (sempre vale, absolutamente), mas deixa de faltar: não é mais uma necessidade é o próprio presente de viver.

Ou seja, para o pensador francês, o bem, isto é, o prazer (infere-se, por ser descendente da filosofia epicurista, que prazer aqui é entendido como felicidade), encontra no sofrimento uma “potência inicial”, ou como ele mesmo diz: um chamado (*ibid.*). Mas também que no próprio sofrimento encontra-se um bem. Pois, proporciona a inferência da felicidade ao ser, ou melhor: um princípio de felicidade: “o puro prazer, é purificado primeiro do sofrimento” (P. 385).

Com isso, explana-se em *Uma educação Filosófica* que, a dor, mais especificamente em relação à felicidade, tem um papel singular e intrínseco no processo de vivência da felicidade, isto é, a felicidade em ato. Nesse ponto, nosso filósofo pode ser considerado descendente do pensamento de Baruch Espinosa (1677-1721)⁹⁶, pois esta (a dor) seria também uma parte da felicidade, o que é dor e felicidade: dois lados de uma mesma moeda.

3.1 - O Esquecimento

Ademais, propõe Comte-Sponville, que o esquecimento não seja ao filósofo uma causa-efeito enganadora no processo dor/felicidade. Isto é, que na tentativa de se alcançar a felicidade, cabe aos filósofos, mais do que aos leigos, não esquecer, pois: “de que vale uma felicidade se feita de esquecimento e ignorância?” (P. 384). Nesse pensamento, o esquecimento da dor implica uma invalidez do sofrimento vivido. No entanto, esse esquecimento é uma tendência natural a todos, o que, resultaria em uma felicidade “parcial”.

Comte-Sponville sobrepõe que os filósofos devem compreender que cabe a eles (incluindo ele próprio) não esquecer nem ignorar, porque ao deixar-se esquecer do que foi vivido, há a mentira para si mesmo, e a mentira diz respeito à ética – sobrepõe ele; assim é afirmado: “eis aí onde a moral encontra a ética”. Isto é, nesse processo de busca, deve-se valer-se do que foi vivido, inclusive do sofrimento. Essa ideia é explicitada no fragmento a seguir (SPONVILLE, 2001, P. 384):

Enfim, não esquecer. É o mais árduo, quando não se sofre. O esquecimento, para todos, é a tendência natural. É claro que não se trata de se desesperar, de sofrer no lugar dos outros, nem mesmo com eles. A piedade soma sofrimento ao sofrimento.

Com relação a ideia de que, a escolha pelo não esquecimento da dor, implica não um não sofrer, mas uma obrigação ética do homem para consigo mesmo, desse modo, quem busca a felicidade não deve ignorar a dor, ou esquecê-la. O quê, enfatiza-se no

⁹⁶ Também chamado de Spinoza ou Espinoza, foi um filósofo racionalista holandês, um dos mais importantes da filosofia moderna. Além de seu racionalismo religioso radical, Spinoza defendeu o liberalismo político.

texto de uma passagem da moral para ética, pois o esquecimento, se voluntário, impede o agir; ele diz:

Mas que valeria uma alegria que fosse feita de esquecimento ou de ignorância? Sou filósofo: se tenho que escolher entre felicidade e a verdade, escolho a verdade. Não esquecer, pois, não para sofrer (por dever de piedade), mas para não mentir (por exigência de verdade). E não mentir, é aí que a ética encontra a moral, para não se dispensar de agir. (SPONVILLE, 2001, P. 385)

Nesse sentido, vale situar o esquecimento, proposto pelo autor, como obscuridade da moral no caminho rumo à felicidade e uma anti-ética de si mesmo, pois, ao passo que toda impressão que gere um aprendizado no caminho seja válido, o esquecimento do sentimento da dor seja esquecido, esse esquecimento seria então um aniquilador de uma parte desse aprendizado.

4.1 – Desejo e felicidade para Sponville: um debate entre Platão, Aristóteles e Schopenhauer

A felicidade é desejável, mostrava Aristóteles (Ética a Nicomaco, I, V). E isso, talvez, seja a maior qualidade dela, diz o filósofo Estagirita. Por isso, essa concepção seja tão bem aceita atualmente.

Em oposto, Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, desacreditava na possibilidade da felicidade, como ele próprio diz em O Mundo Como Vontade e Representação, livro IV. Onde ele compara a felicidade com o tédio e, com essa ideia desenvolve o conceito de um pêndulo que bate do sofrimento ao tédio. Esse conceito seria uma metáfora para a vida dos seres racionais.

Esse trabalho atenta-se que André Comte-Sponville pondera essas duas asserções, afirmando a possibilidade da felicidade malograda ou, citando Schopenhauer, tediosa. E ao mesmo tempo, da felicidade em ato. E para fundamentar seu pensamento, basei-se em Platão (348-347 a.C.).

Comte-Sponville se vale de pensamentos do socrático para introduzir sua concepção de desejo; e usa Schopenhauer para fundamentar seu conceito de malogro da felicidade causado pelo tédio desembocado pela posse do objeto que outrora fora

objeto de seu desejo; e por fim, Aristóteles para representar uma felicidade desejável. Portanto cabe aqui exemplificar sua visão.

Deste modo, ele sustenta que, os que não possuem seu objeto de desejo, sofre por sua ausência; e quem já o possui, não sofre mais pela ausência. Mas ainda sofre; por tédio. Isso porque não sendo mais objeto de seu desejo, desemboca-se o tédio. Com isso, em que consiste uma felicidade se manifesta no que não se possui? Comte-Sponville diz que apenas vivendo no desespero, livre da esperança a felicidade é possível: sem desejar algo que não se tem.

Deste modo, visto que Comte-Sponville ver que em algumas pessoas há a crença em uma felicidade idealizada, aparece em Bauman (1925 - 2016), um exemplo da união desse desejo/felicidade/tédio (BAUMAN, Zigmunt, 2008, P. 17).

Um dos efeitos mais seminais de se igualar a felicidade à compra de mercadorias que se espera que gerem felicidade algum dia é afastar a probabilidade de a busca da felicidade algum dia chegar ao fim. Essa busca nunca vai terminar – seu fim equivaleria ao fim da felicidade como tal. Não sendo possível atingir um estado seguro de felicidade.

Nesse sentido, ver-se no pensamento que Bauman atribui aos pós-modernos, um pseudo-platonismo (proposto por Comte-Sponville), em sentido de que, felicidade é carência: logo quem deseja, deseja o que lhe falta. Isto é, felicidade é desejo de que na mercadoria resida a felicidade. Esse pensamento retrata como o desejo está presente no conceito de felicidade. E André Comte-Sponville atribuí à falta e ao desejo o malogro da felicidade. Pois a vida é pautada na esperança, em um além-mundo.

4.2 - Sponville entre Platão e Schopenhauer

Comte-Sponville se baseia no pensamento Schopenhauriano para fundamentar sua crítica ao pensamento platônico. Para ele, como para seu mestre, o desejo é carência, e carência logo é uma dor. Ele explica (SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação, IV, 57):

Querer e esforçar-se são sua única essência; é como uma sede insaciável. A base de todo querer, entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual conseqüentemente o homem está destinado originariamente pelo seu ser.

Comte-Sponville citando Schopenhauer explica esse pensamento (2001, P. 424):

Todo desejo nasce de uma carência, de um estado que não nos satisfaz; logo não há medida e não há término para o sofrimento (IX 56). Portanto não há nem pode haver, experiência da felicidade: o que experimentamos é primeiro a ausência da felicidade. O desejo, a carência, o sofrimento: depois satisfação.

Deste modo, vemos uma ideia de que, em uma felicidade pautada na esperança advinda do desejo, não se pode chegar à felicidade. Visto que isso vai contra o princípio de uma felicidade que se caracteriza no viver o agora, isto é, se malogra a felicidade no desejo do além.

Assim, dado que vivemos em função de um além-mundo, isto é, na esperança de um depois, Comte-Sponville infere: “*esperar é desejar sem gozar, esperar é desejar sem saber e esperar é desejar sem poder*” (2001, p 58). Ou seja, a esperança, na visão do filósofo francês nada mais é que a incapacidade humana de ação frente ao mundo. O humano frente à esperança não tem ao seu alcance a possibilidade de poder algo que *deseja*, logo a felicidade. Ou seja, a felicidade não é possível caso vivamos na esperança e alienação de um depois.

Esse pensamento, na concepção de Sponville, equivale a uma felicidade malograda, como dito acima, ou melhor, como diz ele evocando figuras do pensamento sobre a felicidade: “melhor que Platão ou qualquer outro, Schopenhauer disse o essencial a esse respeito. Homem é desejo e o desejo é carência. É por isso que, para Schopenhauer como para o Buda, toda vida é sofrimento”. Disto, nota-se que o filósofo afirma não haver felicidade onde há falta, logo, a felicidade não existe onde há esperança (P. 424).

5.1 - Desespero e felicidade em Comte-Sponville

Em oposição à vida pautada na esperança de um depois. Há os virtuosos: Os que vivem desesperadamente, ou como o próprio Sponville fala: Os que vivem uma sabedoria desesperada; logo uma felicidade desesperada.

Diferentemente do sentido usual empregado ao termo desespero, como por exemplo, quando é inferido às pessoas que tentam suicídio. O desesperado é entendido

por Comte-Sponville não como o infeliz, e conseqüentemente o suicida; mas o oposto disso: quem tenta suicídio - diz ele – tem na morte uma esperança. E se, estes fossem realmente desesperados, eles seriam um desesperado desinteressado (SPONVILLE, p. 406), o que é, portanto, para Sponville, um virtuoso: por ser livre da esperança.

A ideia paradoxalmente deixada aqui, a qual o filósofo se diz consciente e proposto a dissecar é esplanada e conceituada como uma ética do desespero. No entendimento dele, o desesperado nesses casos (caso citado no parágrafo anterior) seriam, no máximo, indiferentes à vida (*ibid*). “No entanto, diz-se que o suicida tenta a morte por não esperar nada da vida”. E é exatamente esse o ponto a qual André Comte-Sponville se opõe e bate de frente.

Ademais, Sponville afirma que, para quem recusa a esperança e o suicídio, cabe aceitar e encarar o desespero, não como uma desilusão desembocada pelo fracasso, mas viver um certo niilismo virtuoso⁹⁷. Com isso, cabe a Filosofia o emprego de libertadora; logo, desesperadora. No entanto, diz Sponville que nem toda filosofia liberta. Ora, tem as que excitam justamente a esperança: é o caso das religiões.

Deixando claro sua descendência filosófica refletida em Espinosa e em Epicuro, nosso filósofo busca imprimir na ideia de desespero uma relação com o tempo; assim como imprime no materialismo uma relação com o ser, e na solidão, uma relação com o indivíduo⁹⁸.

5.2 - Se a felicidade se principia do desejo

Se fossemos felizes, não precisaríamos filosofar. E se não pudéssemos sê-lo, filosofa em vão. A possibilidade da felicidade define, assim, parece-me, o espaço aberto à Filosofia. Trata-se de pensar de tal modo que a felicidade, de possível que era, se torne real e presente, e deixe de ser esperada para ser vivida. Pensar sua vida, portanto, e viver seu pensamento: prazer e grandeza da filosofia. (Sponville, w2001, P. 398)

⁹⁷ Inferiu-se esse termo com o intuito de aproximar a conceituação do autor com a doutrina niilista entendida como visão de aceitação do ceticismo. Ver: <http://colunastortas.com.br/2014/09/24/niilismo/>

⁹⁸ Ver o trecho ao qual Comte-Sponville explana essas noções: P. 398/389 de uma educação Filosófica.

Mas se a felicidade se principia do desejo, como se justifica ser feliz tendo como objeto da felicidade algo que não se tem? Ora, está aí a crítica sponvilleana acerca da concepção platônica.

Comentando a compreensão de desejo e felicidade para Sponville, Firmino e Kaitel proclamam:

O filósofo André Comte-Sponville propõe que, em uma discussão acerca do tema da felicidade, um primeiro ponto a se investigar é a questão do desejo, pois, “ser feliz é — pelo menos numa primeira aproximação — ter o que desejamos” (Comte-Sponville, 2001, p. 25). Nesse ponto, o autor critica a noção platônica de desejo — entendido como falta — e afirma que, se levarmos em consideração aquilo que é proposto em Platão — “o que não temos, o que não somos, o que nos falta, eis os objetos do desejo e do amor” (Comte-Sponville, 2001, p. 26) — a felicidade se torna algo impossível. Por quê? Porque o desejo é falta, e porque a falta é um sofrimento. Como você pode querer ser feliz se lhe falta, preciosamente, aquilo que você deseja? (Comte-Sponville, 2001, p. 26). (FIRMINO; KAITEL, 2014, p. 477).

Assim, usando Platão para dizer que desejo é desejo daquilo que nos falta, afirma André Comte-Sponville que o desespero é aceitação do agora. Diz ele: “[...] Nossos sonhos são nossas grades, que temos de serrar. É nisso que a filosofia é desesperadora, como cada um pode experimentar, e libertadora *porque* desesperadora”.

Deixando claro que reconhece que há um paradoxo entre desespero e felicidade, ele clareia o sentido de desespero, deixando claro que não se trata de um desespero da linguagem corrente. Se trata, no entanto de um desespero diferente do infeliz. Afirma ele (2001, P. 406): “Há de fato um paradoxo. O desespero, na linguagem corrente, é o acúmulo de tristeza. Quando se fala de um desesperado nos jornais, é geralmente alguém que tentou se suicidar, ou conseguiu [...]”.

Ver-se que esse desesperado não condiz com a terminologia da palavra, nota o filósofo, na verdade, diz ele: “Tal acepção vai, no entanto contra o bom senso” (P. 406).

5.3 - Ética do desespero

Conclui o autor de forma explicativa esse pensamento de uma ética do desesperado e do esperançoso (SPONVILLE, 2001, P. 406):

Se ele fosse verdadeiramente um desesperado, a vida seria para ele, na pior das hipóteses, indiferente e ele não teria nenhuma razão de morrer. Muito provavelmente, até, ele encontraria alguma razão útil, não para si mesmo mas para outrem, e se tornaria como que um desesperado desinteressado e (portanto) virtuoso.

Desse modo, conclui-se que, André Comte-Sponville ver no desesperado (o verdadeiro desesperado) a essência da felicidade, e que, por isso, todo filósofo busca na filosofia uma justificativa, isto é, a felicidade. Ou seja, se há filosofia é para sabedoria, e nesse sentido, que a sabedoria seja assim um caminho para a felicidade.

Mas onde se encaixa o desespero nesse jogo? Ora, na concepção do filósofo francês, só há sabedoria se for desesperada, fora isso, é esperança. E a esperança é para o que não temos e, o desespero, para o que temos, logo, a sabedoria é possível e a sabedoria é felicidade: a felicidade em ato.

6.1 - Felicidade em Ato

6.2 - Viver em ato: viver o aqui

A felicidade apesar de ter em sua terminologia uma determinação de caráter beatificador, ainda assim, muitas vezes, é entendida de forma equivocada. Já o desejo, por ser entendido sumariamente por carência daquilo que nos falta, é tido (quase sempre) como “errado”, pois, de acordo com a moral religiosa, se desejamos o que não temos, logo desejamos coisas alheias. Em contrapartida a isso, discorre nosso filósofo que, felicidade é desejo, desde que tal seja compreendido como potência, não como carência ou desejo.

Fazendo referência a Aristóteles, Sponville acerta ao inferir que a felicidade é um bem desejável absoluto, isto é, um bem por-si mesmo, sem a necessidade de haver uma resposta para a busca desse bem. No entanto, como dito antes, Comte-Sponville não crer que possa haver felicidade onde há esperança. E que diversão não é felicidade, mas, na verdade, a negação dela (P. 426). Então, a partir disso, ele propõe um caminho inverso à diversão, e ele diz que é o que os filósofos chamam de sabedoria (P. 427).

Diz o filósofo que: “[...] se diversão é uma felicidade malograda, a sabedoria seria uma felicidade bem-sucedida” (P. 427). Nesse ponto já é visível sua visão em relação à felicidade. Comte-Sponville, no entanto, vai mais além: ele procede que, para que os

homens vivam e não se suicidem* é preciso que algo o mantenha como luz ao fim do túnel. E essa força segundo ele é o prazer. Como o gozo que precede a satisfação.

Assim, seriam as coisas as quais sentimos prazer em sua presença, mas, que poderia não causar sofrimento em sua ausência: é o caso da música, do bom clima, das paixões etc. Assim seria potência à *priori* à felicidade.

Outrossim, no artigo que trata dos (filósofos) que falaram da felicidade, o pensador propõe um exercício, do qual ele supõe que haja alguém que se flagela apenas para sentir o prazer da ausência da dor ao parar de se martelar. Inevitavelmente esse não seria o prazer que ele toma como princípio da felicidade porque este homem viveria em função do depois.

Desse modo, ele propõe que a felicidade exista (apenas) em ato, não sendo palpável nem alcançável ou possuída, tal como ele afirma (COMTE-SPONVILLE, André, 2001, P. 431):

Porque a felicidade não é uma outra vida, nem mesmo um estado ou uma disposição da existência. Ela não é algo que se possa possuir, encontrar, alcançar, e é por isso que, em certo sentido, não existe felicidade: a felicidade não é da ordem de um “existe”. Não é uma coisa não é um ente, não é um estado: é um ato.

Comte-Sponville afirma que a felicidade não se trata de nada mais do que algo que pode ser vivido no presente, porque, pode ser consumada sem a necessidade de esperar o que não se tem controle. E isso primazia à felicidade em ato.

Não obstante, a felicidade vivida em ato caracteriza-se como a autêntica felicidade (beatitude) na concepção do francês, isto é, felicidade em potencialidade do gozo. Outrossim, essa potencialidade somente e apenas será vivida em ato, sem que haja esperança de um além, nem de um depois. Nesse sentido, seria a vida pautada não naquilo que não se tem controle, mas viver desesperadamente em potencial, isto é, em ato.

7 – Conclusão

O estudo trilhado até aqui permitiu trazer reflexões filosóficas acerca das ideias dissertadas. Onde foi abordado a questão da necessidade de se viver a dor corpórea e psíquica tomando como premissa a ideia do filósofo, André Comte-Sponville, que ela é para a felicidade um caminho onde se faça valer em sua plenitude na vida dos homens. O desejo e a crítica sponvilleana cerca desta, com o intuito de fornecer o entendimento de uma felicidade pautada no agora, ignorando o que se entende de desejo e esperança, deste modo, Comte-Sponville afogou a noção de esperança na concepção de que esta é a causadora do malogro da felicidade.

E por fim, em vista de que seja formada uma nova concepção em cima dos conceitos organizados anteriormente, a felicidade em ato, onde foi possível construir uma nova visão que dê base para possíveis estudos posteriores e com isso, seja possível uma nova visão sobre o tema e novos estudos que abordem a dor com um novo olhar.

8 - Bibliografia

COMTE-SPONVILLE, André. **Uma Educação Filosófica e outros artigos**. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

_____. **A felicidade, desesperadamente**. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicomaco**. Trad. Leonel Vallandro. Col. Os Pensadores. São Paulo, 1973.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo Como Vontade e Como Representação, IV**. Trad. Jair Barbosa. UNESP, São Paulo, 2005.

ESPINOSA, Baruch. **Ética, V**. Trad. Antônio Simões. Col. Os Pensadores. São Paulo, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. **A Arte da Vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. ZAHAR. São Paulo, 2008.

FIRMINO, Carlos Eduardo; KAITEL, Alexandre Frank Silva. **A noção de felicidade em Freud e Comte-Sponville: possíveis aproximações e distanciamentos**. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 31, n. 74, p. 473-481, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://ww2.pucpr.br/reol/index/php/PA?dd1=12238&dd99=view>>. Acesso em: 02 de maio de 2014.